

ENTRE RIOS E MATAS: A IDENTIDADE DAS MULHERES RIBEIRINHAS¹ DA VILA BOM FUTURO²

Ingrid Santos dos SANTOS³
Sandra Maria JOB⁴

Resumo

O rio Amazonas é um dos maiores rios do estado do Pará. Ao longo das suas margens, em recônditos inimagináveis, sobrevivem inúmeras comunidades ribeirinhas. Dentre estas muitas se encontra a comunidade chamada Vila Bom Futuro. Como tantas outras, desconhecidas para o resto do mundo, esquecida pelo poder público – assim como os seus habitantes também são desconhecidos por ele. Diante desse contexto e da obrigação social que a sociedade como um todo tem para com a população, surgiu à proposta da pesquisa intitulada (re)escrevendo histórias de/e sobre mulheres ribeirinhas. Este trabalho é parte de alguns resultados obtidos da mesma. Para o desenvolvimento desse trabalho, o recorte teórico se respalda em Simone Beauvoir (1970), Virginia Woolf (1985), entre outros. Já no que se refere à pesquisa de campo, os sujeitos da pesquisa envolveram 04 (quatro) mulheres residentes na Vila, todas com mais de 40 anos. A partir das narrativas orais dessas mulheres, foi possível averiguar, entre outros aspectos, o importante papel social desempenhado por elas dentro da comunidade.

Palavras-chave: Mulheres ribeirinhas. Identidade. Narrativas orais.

Introdução

O rio Amazonas é um dos maiores rios do estado do Pará. Ao longo das suas margens, em recônditos inimagináveis, sobrevivem inúmeras comunidades ribeirinhas. Dentre estas muitas se encontra a comunidade chamada Vila Bom Futuro. Como tantas outras, desconhecidas para o resto do mundo, esquecida pelo poder público – assim como os seus habitantes também são desconhecidos por ele. Diante desse contexto e da obrigação social que a sociedade como um todo tem para com a população, surgiu à proposta da pesquisa intitulada *(Re)escrevendo histórias de/e sobre mulheres ribeirinhas*. Este trabalho é parte de alguns resultados obtidos da mesma. Para o desenvolvimento desse trabalho, o recorte teórico se respalda em Simone Beauvoir (1970), Virginia Woolf (1985), entre outros. Já no que se refere à pesquisa de campo, os sujeitos da pesquisa envolveram 04 (quatro) mulheres residentes na Vila, todas com mais de 40 anos.

Para abordar a discussão empregada, este trabalho divide-se em quatro partes, quais sejam: a introdução e, posteriormente, um tópico para tratar da contextualização geográfica e histórica da Vila Bom Futuro e, em seguida, a partir das narrativas orais dos sujeitos da pesquisa, buscaremos traçar a identidade de gênero e de raça/etnia. Na última parte trazemos as conclusões.

¹ Agradeço às mulheres ribeirinhas que me deixaram adentrar nas suas casas, permitiram as entrevistas com elas e mesmo atarefadas cederam um pouco de tempo para responder as minhas perguntas.

² Este artigo é resultado do projeto de pesquisa *(Re)escrevendo histórias de/e sobre mulheres ribeirinhas* que está vinculado ao grupo de pesquisa EGERA (Estudos de Gênero e Raça), coordenado pela Profa. Dra. Sandra Maria Job.

³ Aluna do curso de Letras/2013. Bolsista PIBIC-interior.

⁴ Professora Dr^a da Universidade Federal do Pará-Campus do Marajó- Breves



1 ÀS MARGENS DO RIO AMAZONAS: VILA BOM FUTURO

Às margens do imenso rio Amazonas, escondida dos olhos dos homens e do Estado, grandes e densas matas abrigam uma vila denominada, ironicamente, de Bom Futuro. Ironicamente por que, aos longos dos meus 22 anos, não vejo um futuro, no sentido positivo, por lá. Mas é preciso considerar que já houve tempos mais inóspitos ao longo dos seus 100 anos (aproximadamente), pois, por muito tempo, desde a existência da vila, não há um olhar mais dedicado do poder público para com o município.

Um dos exemplos mais simples, vamos dizer assim, deste descuido para com as pessoas que moram em ambientes isolados, como a vila Bom futuro, é a falta de documentos a respeito da existência da mesma. Consequentemente, o que se sabe sobre a vila Bom Futuro são extraídos dos relatos e histórias contadas por seus moradores mais antigos e, sob certos aspectos, da experiência que moradores mais jovens, no qual me incluo, possuem tendo nascido e vivido/vivendo lá. Dentre esses moradores mais antigos destacamos a fala de Dona Maria Marques (85 anos) para quem a vida “ali na vila era mais confortável, tinha tudo, o comércio era forte, tinha tudo, tudo, tudo, tudo [...]”. Ainda com relação a vila, Dona Raimunda Rodrigues, 80 anos (ou 101, segundo seus familiares⁵), relata que “[...] aqui era muita gente. Eles trabalhava, fazia de tudo os homi, as mulheres sempre era empregada [...]”.

A partir das entrevistas e conversas com as ribeirinhas, notamos que a existência da vila é de ordem familiar, ou seja, passou de pai para filho com a justificativa de expandir o comércio da família Barbosa⁶ e, consequentemente, empregar muitas famílias. Porém, é preciso evidenciar que ao falar que os empresários empregaram muitas famílias, há controvérsias, pois é sabido que o ato de empregar além de dar função a alguém consiste também em remunerar o empregado. Nesse sentido, entretanto, enquanto moradora da vila, sei que os funcionários não recebiam salário mínimo, apesar de os patrões camuflarem essa questão no momento da contratação. Esta situação causava muitos problemas em famílias em número maior, pois não conseguiam administrar a pequena renda com suas necessidades básicas. Consequentemente, os produtos vendidos pelo comércio local, ou seja, na venda do ‘patrão’, eram extremamente superfaturados. Em virtude disso, os empregados trabalhavam, em muitos casos, através de um sistema de trocas, em que os serviços realizados serviriam somente para pagar suas contas pendentes com o ‘patrão’. Além disso, o ‘dono da vila’ também se considerava senhor do poder absoluto, isto é, detinha o poder sobre seus empregados, tanto no que concerne a voto, quanto em impor de quem comprar e para quem vender.

⁵ Na certidão de nascimento, que foi feita na idade adulta, consta 80 anos, mas comparando com a data de nascimento de integrantes da família, eles acreditam que ela tenha muito mais.

⁶ Sobrenome da família do ‘dono’ da vila Bom Futuro.



E, por isso, por vários anos, esse ‘ dono da vila’ foi tratado como uma divindade, dentro de uma relação na qual os moradores deviam-lhe mais que respeito, de tal forma que nunca ousaram desobedecê-lo.

Atualmente muitas coisas mudaram, pois após a falência das fábricas de palmito, os ‘donos da vila’ abandonaram o local e os empregados que permaneceram (sobre)vivem do escasso comércio, da incerta pesca e da fabricação de cabo de vassouras. Muitas vezes, por falta de emprego e educação de qualidade, muitos jovens que buscam um bom futuro evadem para as cidades mais próximas, como foi o meu caso.

No que diz respeito à localização da Vila, ela se encontra à margem direita do baixo rio Amazonas, próximo aos rios Tajapuru e Ituquara. Pertence ao distrito Curumú, do município de Breves, no estado do Pará. O acesso à vila é muito difícil, pois é somente por via fluvial e dura em torno de 12 horas, saindo do porto de Breves, em barcos extremamente cheios e em péssimas condições.

Figura 1: Localização da Vila Bom Futuro.



Fonte: Google maps

A vila Bom Futuro, como mostra a figura 1, está localizada em uma pequena ilha (em vermelho) banhada pelos rios Ituquara, Amazonas, e pelo Furo do Ituquara (mais conhecido como Furo do Rato). Essa vila, apesar da carência econômica, é muito conhecida na região pela fartura de seus antigos comércios que, como citado anteriormente, movimentavam riquezas para seus donos e mão de obra para a localidade.

Já no que se trata de lazer, os ribeirinhos organizam um festejo anual religioso para o padroeiro da vila (São Raimundo), no qual promovem “bingos dançantes”⁷, e leilões de peixes assados, cestas de frutas, comidas típicas, entre outros. Dessa maneira, esses eventos têm, além da

⁷É chamado de bingo dançante o bingo em que ao intervalo de cada prêmio tocam músicas para entreter os fiéis.



finalidade de entreter a comunidade ribeirinha, a função de arrecadar recursos para melhorias na mesma. Nesse sentido, outra opção de lazer são os torneios de futebol (tanto femininos, quanto masculinos), e as festas tradicionais nas comunidades vizinhas.

No que tange ao número populacional desse local, vivem na vila Bom Futuro cerca de 15 famílias, totalizando atualmente 65 pessoas (distribuídos em novos e antigos moradores). Dentre esse total de moradores, 35 são mulheres. Dessas mulheres, a maioria delas se dedica aos trabalhos domésticos e também à pesca tanto para consumo próprio, quanto para venda.

2 IDENTIDADE DE GÊNERO: DISCUSSÕES TEÓRICAS

A identidade das mulheres ribeirinhas, creio, tem passado um pouco despercebida pelos pesquisadores de gênero e raça, ao que parece pelo difícil acesso a essas comunidades em que residem mulheres esquecidas tanto pelo poder público quanto pela sociedade em geral. Por isso, para pensar a identidade das mulheres ribeirinhas cabe, antes, trazer à discussão questões teóricas sobre a identidade feminina. Sendo assim, de acordo com Carneiro (in: SAFFIOTI; VARGAS, 1994, p. 187) “a identidade feminina é o resultado de um processo histórico cultural”. Sueli Carneiro, na verdade, quer dizer que aquilo pelo qual a mulher é comumente (re)conhecida, isto é, uma pessoa “nascida” para os trabalhos domésticos é algo transmitido historicamente e mantido/preservado de acordo com a cultura de cada povo. E enquanto algo culturalmente concebido como natural, quaisquer uma mulher que não se enquadra dentro dessa ‘cultura’, isto é, se acontece de a mulher não ter ‘aptidão’ para serviços de casa ela é socialmente taxada de relapsa, vagabunda, etc. Em outras palavras, hoje é sabido que tudo que se concebe como coisa de/para mulher, serviço de mulher, entre outras coisas, é uma concepção, uma ideia construída culturalmente e repassada de pais para filhos dentro da sociedade. E esse processo mencionado pela autora tem imposto valores e regras que submetem à mulher a uma situação submissa e inferior dentro da sociedade.

Em razão disso, ao falar de inferioridade e conseqüentemente em invisibilidade, Louro (1997, p. 17) revela que as causas mais precisas nesse sentido são a segregação social e política na qual as mulheres foram historicamente conduzidas. A esse respeito, a autora define como aliados dessa invisibilidade feminina ainda presente na atualidade, a exclusão social e política que ao longo dos anos conduz e rege a vida de várias mulheres. Em relação à segregação e/ou exclusão, pode-se dizer que a limitação das obrigações estritamente femininas determinou aos formadores de opiniões instituí a “superioridade” do sujeito masculino por tratar-se do chefe de família, detentor do poder sobre suas esposas e filhos. Por isso, a invisibilidade feminina através desses processos, que considera a mulher como ‘sexo frágil’, definem os papéis e obrigações dos sujeitos femininos na



sociedade. Para ilustrar essa questão, Job (2011, p. 30) diz que, “as relações desiguais de gênero designaram e vêm tentando, até hoje, designar a todos os indivíduos a posição, o papel e como eles devem ser e se portar na sociedade”. Sob tal enfoque, Job expõe que as desigualdades nas relações de gênero determinam como a mulher deve ser e como deve se comportar no meio em que vivem.

A propósito, essas relações desiguais de gêneros criam a visão de que “o homem é o Sujeito, o Absoluto; e ela (mulher) é o Outro”⁸ (BEAUVOIR, 1970, p 10). Simone Beauvoir (1970) faz uso das palavras ‘Sujeito’ e ‘Absoluto’ exatamente para designar que a superioridade masculina é considerada uma relação de poder que, por vezes, ordena, humilha e violenta o Outro. Por conseguinte, o homem é visto como um ser respeitado, de acordo com as ideias do senso comum da sociedade que, por fim, dita os papéis que são ‘entendidos’ como femininos.

Em vista disso e de tantos outros fatores, “a identidade feminina ainda é um projeto em construção” (CARNEIRO, in: SAFFIOTI; VARGAS, 1994, p. 188). E essa construção tem um grande desafio que é a desmontagem das concepções impregnadas pela sociedade de que a mulher deve ser a rainha do lar, exemplo inexorável de maternidade.

Mas, por que é tão difícil e complexo desmontar essas concepções?

Não é tão simples responder a tal questionamento, mas, seguramente, um dos empecilhos para se desmontar essa concepção anacrônica e cruel advém do fato de um grande, mas um grande número de mulheres ainda desconhecerem as discussões sobre gênero. Têm aquelas que nunca ouviram falar sobre os direitos conquistados pela mulher dentro da sociedade, exemplo disso, infelizmente, são as mulheres ribeirinhas.

3 MULHER RIBEIRINHA, SIM, SENHOR!: IDENTIDADE DE GÊNERO

As discussões teóricas sobre gênero dentro da academia já têm algumas décadas⁹. Contudo, as mudanças que tais discussões têm operado na sociedade, em particular na brasileira, ainda são muito poucas e não atingem todas as mulheres por motivos vários. Neste contexto, como forma de tornar visíveis mulheres “invisíveis” para a sociedade e para o poder público, neste tópico buscaremos, a partir das narrativas orais de 04¹⁰ mulheres, moradoras da vila Bom Futuro, traçar a identidade de gênero dessas representantes de um determinado segmento da sociedade brasileira.

No que se refere à pesquisa, a entrevista foi feita usando gravador, e na escolha das entrevistadas foi levado em consideração o fator idade: mulheres acima de 40 anos. As entrevistadas foram informadas sobre o teor da entrevista e a finalidade da pesquisa. Não foram

⁸BEAUVOIR, 1970. Disponível em: <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>

⁹JOB, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95228/294989.pdf?sequence=1>

¹⁰ A pesquisa está em sua fase inicial, por isso ainda não foi possível entrevistar todas as mulheres desta comunidade.



estipuladas perguntas específicas, pois a intenção era uma conversa informal, embora direcionada, na qual as mulheres falassem sobre si mesmas.

Ao falar de si mesmas, a questão filho/s e marido foi uma recorrente. Em relação a filhos, Dona Maria Marques, de 85 anos, diz: “[...] Você sabe que é amor de filho? Que o coração de mãe é terra que ninguém anda, mana. Coração de mãe é terra que ninguém anda, mana, do pai até que ele pode passar daqui pra *colá*, mas a mãe, que preste ou não preste, aquele coração, aquela dor, aquele amor é consagrado no coração de mãe [...]”. Nesse trecho do relato de dona Maria Marques, é perceptível a questão do ser exemplo de mãe, e a inexorabilidade do amor materno, que, de acordo com Carneiro (1994, p. 188), são concepções impregnadas pela sociedade de que a mulher deve ser modelo irretocável de zelo, amor e cuidado maternal. Isso não significa dizer que a entrevistada não gostasse dos filhos. O que queremos destacar é o teor constante nas entrelinhas do discurso refletindo o que a sociedade impõe às mulheres e à maternidade quando a entrevistada diz, por exemplo, que o amor materno é maior do que o paterno.

Ainda no tocante a filhos, a narradora conclui: “[...] Eu já tinha, tinha, assim, dois filhos com ele. Eu tinha pena de deixar as criança. E ele, eu tenho certeza que ele não ia deixar eu levar, né?! Aí, pelo amor dos filho, eu **suportei**. [...]”. (grifos nossos). O suportei diz respeito ao marido, pois, de acordo com a narradora, “[...] procurei homem umas duas, até três vez, **nenhuma prestou**. Eu larguei [...]”. Logo surge a expressão que define seu casamento: “Mas antes só do que mala acompanhado”.

Nota-se, mais uma vez, que a narradora acredita que o amor maternal é superior e é um “padecer no paraíso”. Tanto que, de acordo com ela, por amor aos filhos, suporta um marido/casamento que a deixa infeliz. Esse pensar, essa abnegação também tem muito do que a sociedade fabrica/impõe às mulheres, isto é, que ela esqueça-se de si para viver em função dos filhos, do marido, DO LAR. Dona Maria Marques não é um caso isolado, uma exceção á regra. Muito pelo contrário, ela não apenas é a regra como um exemplo/modelo das inúmeras mulheres ribeirinhas que vivem ainda em situação parecida, quando não é pior, à vivida por Dona Maria. E por que “A minha vida com meu marido, ah minha filha... eu procurei homi umas duas, até três vez, nenhuma prestou, eu larguei”. Mas “**me sinto muito bem, assim como eu tô, muito bem... Muito bem assim sozinha, muito bem assim sozinha**[...]”.

A repetição da frase “me sinto muito bem assim sozinha” nos leva a acreditar que existem muitas dores não reveladas, mas muito provavelmente vividas ao longo dos anos em que suportou resignada a condição de viver sob o jugo do marido. Pelo menos é o que dá para entrever no excerto abaixo.

Nada, nada, nada. O que ele fazia era só beber cachaça do pouco que ele trazia [...] era repartido. Se desse pro um quilo de farinha, ele comprava meio, comprava um



litro de cachaça, duas garrafas, três, é. **Eu já sofri muito, eu já sofri muito...**[...] Já teve muita noite de eu passar que hora da noite com filho *gito*¹¹ no peito pra não chorar, pra não saber onde nós tava. Tudo parece porca na água grande. Os outro (filhos) tudo atrás de mim, tudo na água grande e **ele virando o bicho dentro de casa com terçado por cima cortando por ali**. [...]. Espero em Jesus Maria José, que nunca mais botarei homem pra minha companha e nem eu pra companha dele, Deus me livre.(Grifos nossos)

Fica subentendido aqui que Dona Maria Marques foi vítima de violência doméstica e para fugir a ela e proteger os filhos, “teve noite de eu passar que hora da noite, com filho *gito* no peito pra não chorar, pra ele (marido) não saber onde nós tava”. Para fugir, era, portanto, obrigada a correr para mato com seus filhos em meio ao ‘lançante’¹². Porque para a mulher ribeirinha, ou se foge para dentro das matas ou para dentro dos rios. E vale lembrar que, em certas épocas do ano e em certas localidades, a água do rio vara matas adentro. Neste contexto, vale um questionamento: fugir? Para onde? Além disso, cabe uma problematização aqui: se para uma mulher que vive perto das DEAMs¹³ já se torna difícil recorrer a esses meios para denunciar ou pedir ajuda, imagine para uma mulher que vive a distâncias da cidade mais próxima, tendo como testemunhas apenas muitas matas e rios.

Além desse aspecto de violência doméstica, outro fato presente na fala de uma das ribeirinhas da vila Bom Futuro é no que diz respeito à educação, pois para Dona Maria do Socorro, 43 anos de idade, casada, pescadora e dona de casa, residente da localidade há 34 anos, que declara o seguinte:

Não tive nem oportunidade de estudar, **fico chateada com a mamãe fazer parece, os filhos rebeldes, porque não deu a oportunidade de eu estudar, só trabalhando**. Eu vim aprender a ler e escrever um pouquinho depois de ter todas as minhas filhas já... Foi, que eu foi aprender a assinar meu nome... **Só trabalhar!**

A fala de Dona Maria do Socorro revela que apesar da sua vontade de ter estudado, sua mãe não deixou, e, por isso, sente-se ‘chateada’ com a mãe. Esse pensamento da mãe de Dona Maria do Socorro representa o que por anos foi imposto às mulheres, que primeiramente deviam aprender a cozinhar, lavar, passar, para ser uma boa esposa, pois enquanto mulheres, bastava saber isso, não havendo razão para estudos.

Entre muitos porquês dessa atitude da mãe de Dona Maria do Socorro, está o fato de ser comum comentários entre as mulheres do interior (ou ribeirinhas), como, por exemplo, os que diziam que elas deveriam saber fazer os trabalhos de casa, caso contrário o marido vinha devolver aos pais, ou que não arrumariam marido. As meninas ribeirinhas, na sua grande maioria, ainda

¹¹ Gito: mesmo que pequeno.

¹² Período de maré grande.

¹³ Delegacia especializada ao atendimento a mulher



crescem ouvindo tais comentários. Isso, conseqüentemente, acaba “educando-as” para o casamento, ter filhos, e, quase que inevitavelmente, para ser a “a rainha do lar” e para suportar maridos.

Diante desse panorama, ao ser indagada sobre seu papel social, dentro da comunidade ribeirinha na qual vive, sua resposta foi, obviamente, a que seu papel “é de dona de casa, né?! É cuidar da casa, praticamente é um trabalho de uma empregada doméstica, que fica em casa tem que cuidar da roupa, casa, almoço, janta, dar assistência nas coisas.” Muito provavelmente devido a idade da mesma (43), esta já tem uma consciência maior, ainda que de forma inconsciente, das relações de poder entre homem e mulher e da sua condição dentro da sociedade na qual está inserida.

E ao aprofundar a pergunta, indagando se ela gostava daquele papel, resposta foi: “[...] Eu gosto, mas **eu gosto mais de trabalho do mato** do que de casa (risos), não gosto de trabalho de casa que é **estressante**, faz merenda, quando em poucas horas lá vai cuidar do almoço, termina do almoço, tem que pensar logo no café das três, de lá tem que cuidar na janta [...] (grifos nossos)”. Mas submete-se porque a ordem estabelecida socialmente é a da mulher na cozinha, no espaço do lar e ao homem é no espaço público, externo ao lar.

Igualmente pensa e expressa Dona Maria Odeth, de 50 anos, casada, ao ser questionada sobre qual seu papel social dentro da sua comunidade. Na voz dela, “[...] Em casa, meu trabalho é lavagem de roupa, fazer comida, tomar conta dos meus três netos, né?! [...] todo dia é assim, né?! Mais quando filha, trabalho nunca acaba... Todo dia, né?!”

É preciso considerar também que tais condições sociais nas quais vivem estas mulheres são conseqüências do contexto social da própria região, isto é, não há opção de trabalho fora da esfera do lar. Talvez por isso, para Dona Maria do Socorro:

Muitas vezes a gente se sente **obrigada a fazer mesmo**, não tem outra coisa, né?! É **obrigado** a fazer porque não tem outro tipo de trabalho pra fazer, quando ainda tinha a fábrica de palmito pra gente trabalhar ainda era uma meio de sobrevivência, né?! Pra todos, pra homens e mulheres, agora não, faliu só tem trabalho pros homens. (grifos nossos).

Ao usar a palavra “obrigada”, Dona Maria do Socorro deixa explícito seu descontentamento em aceitar-se como dona de casa. Essa identidade é contestada, apesar de muitas dessas mulheres terem se acomodado a essa identidade ou terem assimilado e vestido a mesma, simplesmente por não saberem, conhecerem outra possibilidade distinta desta. Nesse sentido, para Oliveira (1991, p. 14), “a identidade feminina é tributária de uma espécie de cultura das mulheres que, como tradição, marca a experiência existencial de todas elas”. É essa ‘cultura’ que molda as ribeirinhas desde o nascimento até a vida adulta, e se tornou uma tradição repassada pelas mães das mães.



Além desses problemas citados anteriormente, há também o abandono que muitas das mulheres ribeirinhas sofrem por parte dos maridos, exemplo disso é a Dona Raimunda Rodrigues 80 anos (ou 101) que ao ser indagada se após o abandono seu marido a ajudava ela diz “Não, mas quando. Eu morava só com eles[...]”. Ao mencionar “eles” está falando dos filhos que criou sozinha, para isso “[...] riscava seringueira, quando eu chegava, ia trabalhar na cozinha, lavava roupa.”, para poder sustentar seus 7 filhos.

Considerações finais

A partir dos relatos e leitura bibliográfica apresentados aqui, chega-se a algumas conclusões, quais sejam. Primeiro todas as mulheres entrevistadas revelam uma identidade feminina moldada nos padrões histórico cultural, ou seja, são mães extremosas, amorosas, esposas submissas, resignadas e donas de casas. E, principal, as entrevistadas se reconhecem, muito embora desconheçam teoricamente o peso que tal identidade traz consigo.

Segundo, são/foram vítimas silenciosas de violência doméstica e a situação geográfica na qual moram as tornam vítimas duplamente indefesas: diante do poder público que não as atendem e da força física do marido.

E, terceiro, não tão evidente, pois não foi o foco desse trabalho, são mulheres que sonham/sonharam e, em especial, são fortes, guerreiras, pois sobrevivem às intempéries que rios e matas guardam, às violências humanas, visíveis e invisíveis, que acometem os que vivem às margens – de rios, matas e sociedade.

Amenizar tais intempéries passa pela discussão de gênero e raça da população ribeirinha que vivem no Marajó. E passa, principalmente, por políticas públicas eficientes que retirem essas mulheres e, particularmente, as que estão chegando àquele mundo, das garras da indiferença da sociedade.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 1970, v.1. Disponível em: <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409660.pdf>. Acesso em: 15 de out. 2014.

_____. **O segundo sexo: experiência vivida** Vol.2 s/d. Disponível em: <http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409666.pdf>. Acesso em: 17 de out. 2014.

CARNEIRO, Sueli. Identidade Feminina, In Saffioti, H. I. B e Muñoz Vargas, M. (Orgs). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1994.

JOB, Sandra Maria. **Em texto e no contexto social:** mulher e literatura afro-brasileiras. Florianópolis-SC. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/95228/294989.pdf?sequence=1> Acesso em: 16 de ag. 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença:** o feminino emergente, São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DEDICO esse trabalho a todas as mulheres ribeirinhas - Marias dos rios que vivem escondidas entre rios e matas. Marias guerreiras que enfrentam as batalhas cruéis da invisibilidade. E dedico em especial a



Raimunda Rodrigues dos Santos, 80 anos (ou 101), viúva e mãe de 7 filhos, aposentada.



Maria Odeth Tavares dos Santos, 50 anos, casada, mãe de 8 filhos, dona de casa.



Maria Marques dos Santos, 85 anos, viúva, mãe de 8 filhos e parteira.



Maria do Socorro Marques dos Santos, 43 anos, casada, mãe de 3 filhas, pescadora e dona de casa.